

1<sup>a</sup>

# A HISTÓRIA DO PASTORINHO

1.<sup>o</sup>

Canta canta pastorinho  
Canta que sabes cantar  
Canta lá o teu fadinho  
Canta que eu estou a escutar.

2.<sup>o</sup>

Comessa o sol a raiar  
Tu vás pro campo sosinho  
Canta que sabes cantar  
Canta canta pastorinho.

~~Ainda és tão~~ 3.<sup>o</sup>

Ainda és tão novinho  
E já andas a guardar  
Canta canta pastorinho  
Canta que sabes cantar.

4.<sup>o</sup>

Apenas tu-te levantas  
Sóis logo de manhã  
Todo o dia por lá cantas  
Com o pastorinho na mão.

5.<sup>o</sup>

Cantas com os pajarinhos  
Que andam há volta de ti  
São os teus companheirinhos

Que-te rodeiam aí.

O AUTOR DESTA LIVRO

JOÃO MARGUES ~~DE~~ FALSTIVO FALAGUEIRA

Nisa

Quando cheigas ao curral  
 Contas logo as ovelhinhas  
 Se tu as mão contas mal  
 Estão as contas serlínhas.

Com dés anos de idade  
 Andas o gado guardando  
 E não tens defeculdade  
 O tempo vai-se pzeando.

Abre a sombrinha no ar  
 Para a chuva defender  
 Tens o inverno a paçar  
 Com tanto frio a chover.

E tão máo de soportar  
 Os días quentes do verão  
 Abre a sombrinha no ar  
 Refresca o teu coração.

Leva a tua cabacinha  
 Com água pura da fonte  
 Bebe a água ben fresquinha  
 Até lá chegar ó monte.

Trabalho na Agricultura  
 Desde piqueno Rapás  
 Alem da vida ser dura  
 Eu guero viver em pás.

A tanta gente na vida  
 Passam o tempo a gosar  
 E eu sempre a trabalhar  
 Eu vivo com esta vida  
 É coisa aborrecida  
 Esta vida não-se atura  
 Olhan a minha figura  
 Estou velho carecadinho  
 Desde piqueno novinho  
 Trabalho na Agricultura.

Trabalhar no campo é duro  
 É vida Amargurada  
 Santos que não fazem nada  
 Ainda com mais gotero  
 E porisso eu mormuro  
 Ó Terra que tudo dá's  
 Quem-me deva ser capás  
 Pagar a vida cantando  
 Ando sempre trabalhando  
 Desde piqueno Rapás.

11.º

Por esses campos então  
 Alegre e sempre sosinho  
 Canta o fado e a canção  
 Canta canta pastorinho

Ainda torna a viver  
 muita coisa vai-se a ver  
 Com a lei que está á porta  
 Temos o Basílio horta  
 Que é boa criatura  
 Vai aver muita partura  
 Com o nosso estado novo  
 É isso que quer o povo  
 Além da vida ser dura.

43

Vamos carar e pescar  
 Uns no mar outros na terra  
 Não queremos cá a guerra  
 Para máo tempo paçar  
 Um não e o bem estar  
~~Para cada um naquilo que das~~  
 Nunea mais voltar a Irás  
 O pobre do Trabalhador  
 Mas seja lá como for,  
 Eu quero viver em pás

Viver esta vida bem  
 Era simples apénal  
 Não fazer mal a ninguém  
 Nem ninguém-nos fazer mal  
 Digam todos em geral  
 Se este verço falta Tem  
 Era simples apénal  
 Viver esta vida bem.

cada um naquilo que das

● MOTU

Á noite no araiá  
 Lindas voses vão soar  
 Pelo centro cultural  
 Os poetas vão falar.

13

Vamos todos reunir  
 Vamos assim en conjunto  
 Saber pouco saber muito  
 Vamos d'êser e ouvir  
 Falando assim a rir  
 Uns melhor outros mais mal  
 Não pode ser bem igual  
 O que será vamos ver  
 Vamos lá compresser  
 Á noite no araiá

23

Vamos lá com euidado  
 Quem quiser entrar que entre  
 Cá fora e lá no centro  
 Poetas cantan o pado  
 Estou velho já cansado  
 Quero o centro apoiar  
 Quem-me quiser ajudar  
 Eu aíisso não vou contra  
 A onde for o encontro  
 Lindas voses vão soar.

A festa todos os anos  
 Com praser e alegria  
 Vamos fazer poesia  
 Poetas alentegamos  
 Se tiver alguns enganados  
 Sen saber a causa qual  
 Digan todos em geral  
 Se esta' mal o está bem  
 Vamos aqui e alem  
 Pelo centro cultural

4

É lá en vila viçosa  
 Que soam lindos cantares  
 Os poetas populares  
 Numz festa tão airosa  
 Nesta vila tão mimosa  
 Eu quero o povo lembrar  
 Quando for do comessar  
 Cussan todos quanto estão  
 Escutan com atencão  
 Os poetas vão falar

Eu queria ser mensajeiro  
 E ter o don de ser capas  
 De convenser o mundo inteiro  
 Quanto é bon viver en pas

1ª

Já pelo mundo alem  
 Minha justiça apregar  
 Se-me quisessem escutar  
 Dessedia tudo bem  
 Eu queria ir tambem  
 Falar ao estrangeiro  
 O meu dito verdadeiro  
 Pedindo a pas e contente  
 Pra convenser toda a gente  
 Eu queria ser mensajeiro

2ª

Estar en pas e onçao  
 Na Terra a onde vivemos  
 É o melhor que nós temos  
 Dentro da nossa nação  
 A maldita Ambição  
 Que só o mal é que trás  
 É tudo isto que fás  
 Tanta revulção na Terra  
 Quería acabar con a guerra  
 E ter o don de ser capas

3.<sup>a</sup>  
8  
Eu queria ter o poder  
De fazer o que eu quisesse  
Se eu fazer tudo podesse  
Só exestia o ben crer

O povo já entender  
Acabava o traço-eiro  
Ninguen roubava dinheiro  
Eu fazia tudo bom  
Eu queria ter esse dom  
De convenser o mundo inteiro

4.<sup>a</sup>  
Se eu visse Jesus Cristo  
Eu fazia-lhe un pedido  
E-se eu fosse atendido  
Eu fazia tudo isto  
Ninguen acredita misto  
Ó meu deus que tudo das  
Eu vou a onde tu estás  
Dá-me un poder profundo  
Pra eu ir diser ó mundo,  
Quanto é bon viver en pás.

9  
MOTO  
Trabalhei na agricultura  
Sen apói da Nação  
Cavando na terra dura  
Só enriqueci o patrão.

1.<sup>a</sup>  
Jinha apenas oito anos  
Comessei gado a guardar  
Meu avô fui ajuciar  
Foran estes os meus planos  
Es meus primeiros exames  
Foi esta a minha leitura  
Digo a qualquer criatura  
Que muito tenho pagado  
Até eu ser reformado  
Trabalhei na agricultura.

2.<sup>a</sup>  
En tempos de salazar  
Tanto que eu trabalhei  
Sabe deus o que eu passei  
Pra nunca nada arranjá  
Quando era ao pégar  
Logo sêdo de manhão  
Até há moite ao cerão  
Sen menhona regalá  
Trabalhava moite e dia  
Sen apói da Nação

quinze anos de trabalho  
 Com pomares de laranjeiras  
 Eu tive grandes canseiras  
 Em terras de montalvão.  
 Mas aquela gente então  
 Ali ninguém-me sençura  
 Viram a minha amargura  
 A minha tão grande lida  
 Ainda ando na ~~mesma~~ vida  
 Lavando na Terra dura

4ª

Treise anos a trabalhar  
 Para Arnaldo da Luís pereira  
 No monte da Fátagueira  
 Tudo para êle aumentar.  
 E quando eu tá seifar  
 É a debolhar o pão  
 Na erdade do cotão  
 Tanto que eu trabalhei  
 E no fim nada arranjei  
 Só enriqueci o patrão

quinze anos de trabalho  
 Com pomares de laranjeiras  
 Eu tive grandes canseiras  
 Em terras de montalvão

MOTO

Do nada nasceo o ser  
 E o ser tudo acabou  
 Eu gostava de saber  
 Como tudo-se formou

1ª

A' tanto vivente no mundo  
 É tudo o que foi nascido  
 Como é que foi ingereido  
 O primeiro e o segundo.  
 Eu queria chegar ao fundo  
 Mas não há nem pode aver  
 Quem-se atreva a diser  
 Nascêo a pás e a guerra  
 Nascêo o mar e a Terra

Do nada nasceo o ser.

2ª

Depois da Terra formada  
 Não ezestia ninguém  
 Nem animais também  
 Não avia bexarada.  
 Não estava a terra injetada  
 Que logo tudo criou  
 Quem é que foi que pintou  
 As cores em toda a raça  
 Foi tudo con a mesma mãe  
 E o ser tudo acabou.

12.

39

& continua acabar  
Tudo o que vai nascendo  
É mas depois em morrendo  
Torna a nada voltar  
A tanta coisa a brilhar  
E como estamos a ver  
Como-se pode inferir  
Bixinhos em todo lado  
Como ~~o~~ tudo foi formado  
Eu gostava de saber  
Nã há nenhum cientista  
Que-me venha dar lição  
Que-me faça a expliação  
E-me ponha tudo há vista  
Ela é tão grande a pista  
Quem a fêz não-se enganou  
E mo ar a colocou  
Sem-ter nenhuma fadiga  
Nã há ninguém que-me diga  
Como tudo-se formou

DOENSA CONTRÁRIA: MOTO

13

Tenho pena tenho pena  
Tenho pena tenho sem  
Eu até chegue a ter pena  
De quem não tem pena de mim.

1.<sup>a</sup>

Sou um homem infelís  
Com doença rigorosa  
É muito contrária  
Minha sorte assim o quis  
A muito gente que dis  
A doença é piquena  
Vivo nesta triste seza  
De todos abandonado  
Sou por todos desprezado  
Tenho pena tenho pena.

2.<sup>a</sup>

É porisso que eu dego  
Que já não tenho alegria  
A onde quer que eu vá  
Nã tenha um inimigo  
Todos falavão comigo  
Agora fogem de mim  
Nã é por eu ser ruim  
A minha infelicidade  
Posso dizer que é verdade  
Tenho pena tenho sem

Não-me querem falar mão  
 Nem para mim querem olhar  
 Quando eles vão a paçar  
 Até' escarnam para o chão  
 Doi-me logo o coração  
 Por aver quem-me condena  
 Mas deus quietudo ordena  
 Também os já's padesser  
 Quando eu os vejo a sofrer  
 Eu até' chegue a ter pena.

4<sup>a</sup>

Estou aqui e além  
 Vivo no mundo sosinho  
 Sentado no meu banguinho  
 Sem carinhos de ninguém  
 Quem morreu já cá não vem  
 Para-me ver dar o gem  
 Para que daí que eu nascin  
 Para sofrer tanto agora  
 Choro por quen por mim não chore  
 De quem não tem pena de mim.

Quando é que-me vou deitar  
 Comesso a pensar em ti  
 Falo contigo a sonhar  
 Pensando que estás aqui

12

Meu amor que estás chorando  
 Por eu estar de ti ausente  
 A dor que o teu peito sente  
 Eu disse-me estou lembrando  
 Estou dormindo e estou pensando  
 Que estamos a namorar  
 Momentinhos a acordar  
 Sonhando até' de manhã  
 Levo-te no coração  
 Quando ~~se~~ é que vou deitar.

2<sup>a</sup>

O teu nome é Laurentina  
 Não podes dizer que não  
 Lenho na palma da mão  
 O teu nome e a tua cina  
 Com a minha vista fina  
 Não vejo o é nem o é  
 Meu corpo até' dá ei  
 És bonita tens a fama  
 Apenas eu cá na cama  
 Comesso a pensar em ti.



Se eu corresse como o vento  
 Eu ia-te ver um dia  
 Pelas estradas parciais  
 Com o meu conhecimento  
 Não-me esgusses um momento  
 Ando em ti sempre a pensar  
 E sem-te poder falar  
 E essa a minha vontade  
 Como é grande a saudade  
 Falo contigo a sonhar.

Eu penso noites inteiras  
 Na tua santa figura  
 Tua linda formosura  
 Nas tuas boas maneiras  
 Vivo em terras estrangeiras  
 Passo além e passo ali  
 Não sei quando irei aí  
 O tempo vai-se passando  
 Estou dormindo estou sonhando  
 Pensando que estás aqui.

Á muito que eu aqui não venho  
 Já seréi desconhecido  
 Dum amigo que eu ~~era~~ aqui tenho  
 Já de mim está esquecido.

Já há trinta e um ano  
 Que eu não falo com êle  
 Era tão amigo d'êle  
 Pois era tão bom fulano  
 Mas ôje talvez por engano  
 Eu aqui-me entertenho  
 Até fasso mesmo inpenho  
 Falar com êle um bocado  
 Vejo tudo demudado  
 Á muito que eu aqui não venho.

Ele áde estar já velhinho  
 Mas ainda-me conhesse  
 Eu áde nunca-me esguesse  
 Era tão bom amiguinha  
 Cantava bem o fadinho  
 Era um homem entendido  
 Era também instruído  
 Fasia vercos assim  
 Como nunca mais o vim  
 Já seréi desconhecido.

18

3<sup>a</sup>

É o José da Albina  
 É o nome dele então  
 É esta a sua direcção  
 Mora na rua da Pina  
 Ten a fala muito fina  
 Este amigo que eu tenho  
 Também escreve e faz desenho  
 Mas aonde é que ele está  
 Ninguém noticiás-me da  
 Dico amigo que eu aqui tenho o

4<sup>a</sup>

Quando eu ia a qualquer lado  
 Que com ele-me encontrava  
 Logo prontinho estava  
 Pra cantar comigo o fado  
 Em solteiro e em casado  
 Não-se dava por vencido  
 Era por mim conhecido  
 Vêlo era o meu desejo  
 A' muito que eu não o vejo  
 Já de min estará esquecido o

CONTINUA DA PAGINA 17

19

1<sup>a</sup>

Eu gostava de saber  
 Não há nenhum camarada  
 Que-me venha a omem descer  
 A onde é que está o nada o

2<sup>a</sup>

Coisa bem o' mal pensada  
 Que dentro de min-se inserra  
 A onde é que está o nada  
 Será no mar ó ma Terra o

3<sup>a</sup>

Tudo canta tudo berra  
 Brilhan os ástros no cé  
 Será no mar ó na Terra  
 Eu não sei a onde é o

4<sup>a</sup>

Cantando e batendo o pé  
 Eu nisto sempre a pensar  
 Será no mar ó no cé  
 Talvez ele seja no ar o

5<sup>a</sup>

Não há quem queira explicar  
 Que-me diga o que é isto  
 Talvez ele seja no ar  
 Que o nada entan eziste o

Temos um barril sem nada  
 Não tem água e nem vinho  
 E aí que está o nada  
 Dentro desse barrilinho •

7<sup>a</sup>

Seguindo neste caminho  
 Mas eu sempre a pensar nisto  
 Digo a qualquer amiguinho  
 O nada no ar existe •

8<sup>a</sup>

Com isto vou treminar  
 Tenho a memória cansada  
 Como é tão grande o ar  
 Acaba por não ser nada •

9<sup>a</sup>

Sen'ás, sen'água, sen'Terra  
 Amigos nada resiste  
 É que em mim-se enserra  
 Acreditam todos isso •

10<sup>a</sup>

Pois é o que está previsto  
 Minha ideia não erra  
 Pois porque nada resiste  
 Sen'ar, sem água, sen'Terra •

Só bacalhão em Lisboa  
 Só bacalhão em Lisboa  
 Só bacalhão em Lisboa  
 Só bacalhão em Lisboa •

1<sup>a</sup>

Quando é lá pelo Natal  
 Todos comen bacalhão

Isto não é nada máo  
 Todos comen por igual

Disen que não faz mal  
 É uma coisa muito boa

Comem bacalhão á Toa

Para-lhe matar a fome

Ali Toda a gente come

Só bacalhão en Lisboa •

2<sup>a</sup>

Não esquecerdo o barreiro

Um povo que não é tólo

Comem bacalhão e bôlo

A noite e o dia inteiro

Boa carne de carneiro

Fruta marmelo, gambôa

Tambem melão e melão

Muita coisa á refeição

E no fim disen'então

Só bacalhão en Lisboa •

É aquela tradição  
 Que tem-en os lisboetas  
 Não querem saber de trêtas  
 Não querem mais nada não  
 Quando é á noite ao serão  
 Uma vós que tambem sóa  
 O bacalhão apregoa  
 Dizendo é, barrigada  
 Não querem comer mais nada  
 Só bacalhão en Lisboa

4<sup>a</sup>

Nós aqui na nossa terra  
 Como é un povo mais rudo  
 Até comemos de tudo  
 Só para não aver guerra  
 Quando o Natal inserra  
 Vem marisco da lagoa  
 A vos do peixeiro intoa  
 Pelas praças a vender  
 Já não querem mais comer  
 Só bacalhão en Lisboa

Quando eu vou a qualquer lado  
 Eu tenho assim este don  
 Gosto de cantar o fado  
 O fado pra mim é bon  
 1<sup>a</sup>

Quem canta seu mal espanta  
 Ai pelo mundo alem  
 Quando eu ouço cantar bem  
 Afino logo a garganta  
 Eu gosto de ouvir quem canta  
 O fado bem acertado  
 Por muitos acompanhado  
 E até mesmo sozinho  
 Eu canto sempre o fadinho  
 Quando eu vou a qualquer lado  
 2<sup>a</sup>

Vou a qualquer romaria  
 Desposto para cantar  
 Sempre lá eide encontrar  
 Cantores com valencia  
 Cantando a noite, e o dia  
 Com muita atencion  
 Acompanhando o tonton  
 Alegremente a sorrir  
 Eu até canto a dormir  
 Eu tenho assim este don

3<sup>a</sup>  
 Eu naríssim pra ser fadista  
 e fado no coração  
 Tenho esta vocação  
 E canto sen ser ~~fadista~~ artista  
 Pois é está a minha lista  
 Podem querer que é verdade  
 Estou velho já cançado  
 Quem eu era já não sou  
 Mas pra onde quer que vou  
 Gosto de cantar o fado

4<sup>a</sup>

Quando eu vou a uma festa  
 e meu cantar não ten fim  
 Eu faço vereos assim  
 A minha cina é esta  
 E já mais nada-me resta  
 A ouvir o lindo son  
 Cantando acertando o ton  
 É essa a minha vontade  
 Eu sou amante do fado  
 O fado pra mim é bon

Senpre com ela de fora  
 Senpre com ela de fora  
 Senpre com ela de fora  
 Senpre com ela de fora  
 1<sup>a</sup>

A rita é descarada  
 É uma massa bem posta  
 Anda senpre discomposta  
 E sen-se ralar de nada  
 Como é mac comportada  
 Nenhum rapas a namora  
 Quando sai da onde mora  
 Sem de nada-se enportar  
 Vai a rua paciar  
 Senpre com ela de fora

2<sup>a</sup>

Ela é tão bonetinha  
 Mas de tudo é capas  
 Passa por qualquer rapas  
 Amostra-lhe a carouxinha  
 Lá vai ela de poupinha  
 Paiciando por aí fora  
 Para mostrar até chora  
 Anda naquela lanteira  
 Até cheiga a ir á feira  
 Senpre com ela de fora

Está de todo ~~perdida~~ perdida  
 Sendo uma moça tão bela  
 Os rapazes atrás dela  
 Para gosaram a vida  
 Anda só com esta lida  
 Anda assim a toda a hora  
 Quando ela-se vai embora  
 Já sabem como ela é  
 Entra em qualquer café  
 Sempre com ela de fora

4ª  
 A Rita já não tem pai  
 Nem a sua mãe também  
 Ficou assim sen ninguém  
 E só está a distrair  
 Pra onde quer que ela vai  
 Não deser o resto agora  
 Já andar lácio há nome  
 Alegre e muito contente  
 É paça por toda a gente  
 Sempre com ela de fora

O dinheiro dá alegria  
 Ele alegria não dá  
 Porque vem o mal um dia  
 Alegria já não dá

Vamos à feira comprar  
 Cada um compra o que quer  
 Seja homem ou mulher  
 A dinheiro para trocar  
 Ainda toca a sobrar  
 Comprasse o que a gente cria  
 Tudo o que falta fusca  
 E pague-se num instante  
 Comer é no restaurante  
 O dinheiro dá alegria

Case com muito dinheiro  
 É o que dá mais praser  
 É só comer e beber  
 Correndo o país inteiro  
 Vai também ao estrangeiro  
 Anda pra cá e pra lá  
 Sempre bem a onde está  
 Alegre e muito contente  
 Mas-se paça a ser doente  
 Ele alegria não dá

Á muita fente en geral  
 Que teren muito de tudo  
 Que estam cheios de saude  
 É o melhor capital  
 Apenas que ven o mal  
 Acaba a valentia  
 Já não vão á romaria  
 A festa que fica alem  
 Eu nunca digo estou bem  
 Porque vem o mal con dia  
 49  
 Acreditam todos isto  
 Tudo o que estou a dizer  
 Comossemos a sofrer  
 E já não temos resisto  
 O mal nun momento existe  
 É isto que deus nos dá  
 Sen saber como será  
 O resto da nossa vida  
 Quando a gente a veí perdida  
 Alegria já não dá

## Moto

Quando eu a pensar-me ponho  
 No passado e no que vem  
 Depois dum sonho outro sonho  
 De tantos que a vida tem.  
 19

A onde é que está a sorte  
 A sorte a onde está' ela  
 Andamos lá procura dela  
 Para encontrar a morte.  
 E não há nada que corte  
 Este mal tão medonho  
 Que nos não fás ser risonho  
 Con as pessoas avansa  
 Meu sentido não descansa  
 Quando eu a pensar-me ponho.  
 29

Deus que a todos nos criou  
 Ele é o nosso amiguinho  
 Mas ali nun estantinho  
 A nossa vida acabou  
 Ali tudo tremelou  
 No cimiterio alem  
 Outro destino não tem  
 Ali tudo vai fendar  
 Eu ando sempre a pensar  
 No passado e no que vem.

Quando a gente está contente  
 Com saúdo e compreição  
 De repente, vem afeição  
 A vida é um momento.  
 É isto que a gente sente  
 Eu digo e não-me envergonho  
 É tudo o que eu sei  
 Na vida sempre a cômbar  
 Tantas vezes a sonhar  
 Depois dum sonho-outro sonho.

4º

A vida amargurada  
 Sempre á procura da sorte  
 Onde quer-se encontra a morte.  
 Ai fica a vida acabada.  
 O correr não val de nada  
 Não dá praser a ninguém  
 Amigos reparan bem  
 Eu vou explicar ben o fundo  
 A tantos sonhos no mundo  
 De tantos que a vida tem.

Mas cá entre pernas não  
 Mas cá entre pernas não  
 Mas cá entre pernas não  
 Mas cá entre pernas não.  
 1º

Sou a tua namorada  
 Namorados há três dias  
 E tu agora já estás  
 Uma vida regalada.  
 Assim não pode ser nada  
 Tu não sejas maganão  
 Não quero andar de balão  
 Que sou moça rapariga  
 Mexe-me lá na barriga  
 Mas cá entre pernas não.  
 2º

Ainda volto a dizer  
 Tu és o meu namorado  
 Toma o recado por dado  
 Não venhas aqui mexer.  
 Pois assim não pode ser  
 Nem hoje nem amanhã  
 Nem á noite ao serão  
 Olha ~~para~~ eu cá tenho as minhas  
 Mexe-me cá nas maninhas  
 Mas cá entre as pernas não.



39

Tu sempre és bem atrevido  
 Tu queres mas eu não quero  
 Pois aqui minha mulher  
 Quem mexe é só o marido.  
 Ficas todo derrelido  
 Se tu mexes no botão  
 Tu até cáis no chão  
 Levantas-te se poderes  
 Mexe cá onde quiseres  
 Mas cá entre as pernas não.

49

Repara no que eu-te digo  
 São estas as coisa tais  
 Se dás em mexer de mais  
 Não quero nada contigo  
 Mais abaixo do umbigo  
 É onde está o fogo  
 Se-lhe tocas com a mão  
 Tu ficas logo abrasado  
 Mexe cá em todo lado  
 Mas cá entre as pernas não.